

**QUAL O PAPEL DA INTERNET NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DE 2011[[1]](#footnote-1)**

**Natália Limberger dos Santos Vieira[[2]](#footnote-2)**

**Resumo**

O estudo busca compreender algumas manifestações sociais que ocorreram em 2011, visto que elas iniciaram suas estruturações por meio da *internet*. Sendo assim, visa-se a análise de como as redes sociais estão provendo reestruturações nas interações sociais e, por conseguinte, nas Relações Internacionais. Por meio das teorias de Susan Strange e Manuel Castells, congrega-se a importância das tecnologias, visto que elas estão resultando em uma nova reestruturação social. Os movimentos sociais que serão analisados são: Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia, *15-M e Occupy Wall Street*. Por fim, através de dados concretos, obtidos por meio de *softwares* integrados as principais redes sociais utilizadas nas manifestações, visualizamos a importância que a *internet* possuiu para a concretização e legitimação dos movimentos sociais em 2011.

1. **Introdução**

A conjuntura da sociedade internacional está em constante transformação, as sociedades estão possuindo maior autonomia, e estão conseguindo diminuir a influência estatal em suas decisões, isso por meio do uso das tecnologias (STRANGE, 1988). A partir da análise das teorias, de Susan Strange e Manuel Castells, o trabalho busca a compreensão de como estão ocorrendo as novas transformações sociais, a ponto de conseguir derrubar governos ditatoriais como nos eventos da Primavera Árabe [[3]](#footnote-3)(GUARDIAN, 2011).

Assim, o presente estudo visa a abertura de debate nas Relações Internacionais, em relação a influência que as redes sociais podem possuir diante da concepção da conjuntura do sistema internacional. Portanto, o intuito é que o leitor transcenda seus estudos além da análise conjuntural tradicional, buscando novas interpretações para os acontecimentos internacionais. Por ser um novo campo nas RIs, o estudo foi embasado em: reportagens, teorias, *sites* dos movimentos sociais e informações informais.

Na primeira parte do trabalho citarei as teorias de Susan Strange e Manuel Castells, que dialogam com as tecnologias que estão conseguindo possuir influência para estruturar novas conformações sociais. Strange (1988) demonstra, a necessidade que há em colocar as pessoas, os cidadãos, nas pautas políticas internacionais, e não focar totalmente nas pautas dos Estados, havendo, assim, a diversificação nas políticas internacionais e o olhar mais humanizado a elas. Castells (2000) afirma, que com a Revolução da Tecnologia da Informação, a sociedade vive em redes, por meio delas as informações são distribuídas, entretanto ainda há espaços a serem preenchidos pela falta de acesso as informações.

O próximo tópico descreverá historicamente como ocorreram os movimentos sociais: Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia, *15-M* e *Occupy Wall Street*. O primeiro movimento iniciou suas atuações no final de 2010, a partir de suas conquistas conseguiu inspirar aos demais movimentos, que iniciaram em 2011, a emergir em seus países, por meio da internet, além de dar início ao movimento Primavera Árabe.

Como todos os movimentos iniciaram e planejaram suas ações por meio das redes sociais, o último tópico visa a compreensão, por meio de um estudo da Universidade de Washington, de dados que corroboram ao aumento das participações nas ruas com o auxílio da disseminação de informações pelas redes sociais. Dessa maneira, é possível analisar o papel fundamental que elas possuíram no crescimento dos movimentos.

1. **Como as teorias dialogam sobre a inserção de novas tecnologia nas sociedades**

**2.1 Teoria de Susan Strange – a nova conformação social provinda da inserção de novas tecnologias**

Strange (1988) afirma que é imprescindível remodelar as análises da conjuntura do sistema internacional. A mudança precisa ser realizada, pois necessitamos olhar mais para as pessoas além das atuações das políticas estatais. A autora critica esse ponto nas RIs, visto que as principais teorias das relações internacionais focam suas argumentações nas atividades econômicas, políticas, sociais dos Estados, não conseguindo perceber atuações externas a esse nicho perpetrado. Por meio dessa visão, as teorias se baseiam na relevância das atuações internacionais dos Estados. Isso demonstra o porquê que as resoluções políticas dos Estados Unidos, por exemplo, impactam na vida de outros países, corroborando o poder que a intervenção internacional possui em relação ao posicionamento dos Estados (STRANGE, 1988).

Todavia, com a tecnologia, a preponderância da pauta estatal está se desmantelando. Visto que, o poder da informação está sendo distribuído a toda a sociedade. Assim, esse poder não fica concentrado nas mãos de poucos. Gerando, por consequência, uma nova estruturação social que resulta em novas relações sociais (STRANGE, 1988).

Strange (1988) cita em seu texto, que os Estados possuem diversos tipos de poder: conhecimento, financeiro, produção e segurança. Ela considera o poder do conhecimento uma das estruturas mais menosprezadas. Entretanto, esse poder resulta em desigualdade de informações dentro dos Estados, podendo gerar a supressão do conhecimento a alguns atores.

Todavia, a tecnologia está conseguindo produzir produtos, com custos mais baixos, e que conseguem difundir muitos dados com diversas informações em pouco tempo, e ao alcance de toda a sociedade. Além disso, as tecnologias conseguiram quebrar o “muro” que havia em relação aos diferentes idiomas das nações, resultando na melhora e otimização da comunicação no sistema internacional (STRANGE, 1988).

Apesar de toda a viabilidade de informações, ainda há discrepâncias entre os Estados na aquisição de conhecimento e informações. Entretanto, a distribuição de poder está aumentando, pois o poder do conhecimento está sendo compartilhado com mais pessoas e está transformando as suas estruturas sociais (STRANGE, 1988).

**2.2 Teoria de Manuel Castells – Revolução da Tecnologia da Informação**

Por meio do estudo da Revolução da Tecnologia da Informação, o autor argumenta que está ocorrendo uma diversificação na estrutura social. A Revolução se caracteriza por possuir a facilidade de introdução em todas as atividades sociais, auxiliando na disseminação de informação pelas redes. Por meio da disseminação, a informação está sempre se reinventando, espalhando seu conteúdo e, assim, criando novos dispositivos que são capazes de divulgar novas informações (CASTELLS, 2000).

Com a nova forma de comunicar que as redes produzem, está ocorrendo uma nova disposição das sociedades, resultando em novos processos de produção, cultura e poder. Portanto, a Revolução da Tecnologia da Informação serviu como pilar para auxiliar na nova conformação social, visto que as pessoas estão se reestruturando em sociedade e os Estados passam a perder algumas de suas características preponderantes (CASTELLS, 2000).

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou a sua falta) incorpora a sociedade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2000, p. 26).

Apesar da Tecnologia da Informação ter conseguido se difundir de maneira rápida pelo mundo. Ainda há ambientes que se encontram em desigualdade social em relação as informações (CASTELLS, 2000).

A estrutura da internet, que é considerada o centro da comunicação global mediada por computadores (CMC)[[4]](#footnote-4) pelo autor, foi construída através de vários desenvolvedores. Eles obtiveram a possibilidade de acessar e aprimorar as estruturas previamente estabelecidas na internet. O que resultou na diminuição do monopólio em relação as estruturas tecnológicas provindas do Estado, visto que não havia a possibilidade de cerceamento na construção da ferramenta, pois todos possuíam acesso (CASTELLS, 2000).

Sendo assim, por meio da internet foi possível a criação de novas pautas de discussão, uma vez que grupos minoritários passaram a se sentir confortáveis em conversar e debater as suas questões. Decorrendo, dessa forma, em seu crescimento na participação em meios eletrônicos. Isso possibilitou a abertura de uma “janela” de discussões para movimentos nacionais e transnacionais, no sistema internacional, por meio das tecnologias (CASTELLS, 2000).

**2.3 O papel das tecnologias nos movimentos sociais de 2011**

Castells (2000) afirma que a internet é o núcleo das comunicações globais, além disso ela conseguiu ser o ponto principal e inicial de conversão na comunicação dos manifestantes que iniciaram os movimentos sociais de 2011. *Blogueiros* [[5]](#footnote-5)comentam que sem as redes sociais não seria possível reunir e demonstrar o que estava ocorrendo nas ruas da Espanha durante o *15-M*[[6]](#footnote-6) (ROBLEDO, 2013).

A interação que foi possível ser criada na internet, conseguiu ser disseminada por diversos meios de comunicação através dos computadores (CASTELLS, 2000). O que pode ser comprovado é que com a interação na internet, era possível disseminar os ideais que eram perpetuados pelos grupos dos movimentos sociais, e seu aumento acrescia, quando os movimentos eram levados as ruas (HOWARD et al., 2011).

Durante a Primavera Árabe, houve a ampliação de usuários na internet com o aumento das manifestações no país. No momento em que as pessoas viam o que estava ocorrendo nas ruas, percebiam a necessidade de buscar informações pelas redes sociais (HOWARD et al., 2011). Desenvolvendo-se, portanto, as mudanças estruturais na sociedade que Strange (1988) cita em sua teoria, e corroborando ao que Castells (2000) afirma que há ainda núcleos desiguais de informação nas sociedades.

Além disso, foi comprovado que grupos minoritários conseguiam ter voz durante os movimentos, as mulheres conseguiram disseminar as suas informações através das redes sociais, sendo que havia a supressão de seus direitos de liberdade de expressão em sua sociedade. Por meio da internet, elas perceberam um caminho para difundir as suas ideias e pensamentos (HOWARD et al., 2011).

Um dos aspectos mais maravilhosos da Internet e da Web é que simplesmente não existem limites. Não há limites para quem pode participar. Enquanto no passado havia apenas duas maneiras de se envolver - doar dinheiro ou doar tempo -, agora existem dúzias de formas pelas quais as pessoas podem oferecer apoio às organizações de seu interesse fazendo uso de ferramentas sociais: atualizando seu perfil no Facebook para defender uma causa, organizando um evento para levantar fundos, escrevendo uma postagem em um blog, produzindo e compartilhando um vídeo, e muitas mais (KANTER et al. 2011, p. 11).

Strange (1988) denomina que as sociedades são constituídas de valores (justiça, liberdade, riqueza e segurança), cada sociedade possui as suas prioridades, variando através do contexto social em que elas estão inseridas. Logo cada movimento social possuía o seu levante, isso dependia da vivência de cada um. Nesse contexto, a internet foi o meio para difundir as suas vivências (CASTELL, 2012).

Mas movimentos sociais não nascem da pobreza ou do desespero político. Exigem uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça gritante provoca, assim como pela esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do mundo, cada qual inspirando a seguinte por meio de imagens e mensagem em rede pela internet. Além disso, a despeito das profundas diferenças entre os contextos em que esses movimentos surgiram, há certas características que constituem um padrão comum: o modelo dos movimentos sociais na era da internet (CASTELLS, 2012, p. 163).

A influência estatal, que é considerada pelos autores um âmbito que perde forças em relação a nova estruturação social, demonstrou sua fragilidade no decorrer dos movimentos. Visto que, o governo egípcio, por exemplo, tenta barrar a internet no período em que ocorriam os protestos no país, todavia desenvolvedores quebram os empecilhos criados pelo governo, resultando na volta da internet a sociedade (ROHR, 2011).

Isso acarretou em uma maior suscetibilidade dos Estados, visto que não conseguiam impedir a sua sociedade de consumir informações por meio das tecnologias. Como Strange (1988) argumenta, o conhecimento é um bem público e comunicável e as novas conformações sociais estavam conseguindo difundi-los expressivamente e com maior assertividade.

Com essas reflexões teóricas será possível a compreensão do próximo tópico com maior clareza. Visto que seu enfoque será os acontecimentos históricos das manifestações sociais de 2011.

1. **Movimentos sociais de 2011: Revolução Tunisiana, Revolução Egípcia, *15-M* e *Occupy Wall Street***
	1. **Revolução Tunisiana**

A Tunísia é o país que iniciou o período histórico conhecido como Primavera Árabe, suas manifestações iniciaram ao final do ano de 2010, quando um jovem, chamado Mohamed Bouazizi, ateia fogo ao seu corpo como forma de protesto, pois autoridades da prefeitura haviam confiscado suas mercadorias enquanto ele estava comercializando-as. Quando o jovem se sentiu incomodado com a situação, ele se dirige a sede do governo e começa a sua reivindicação, mas ninguém concede atenção a sua causa. Sendo assim, para que as pessoas vejam a sua revolta, ele ateia fogo ao seu próprio corpo. Esse ato foi o gatilho para iniciar as revoltas na Tunísia (MANFREDA, 2017).

A partir desse momento, as redes sociais começam a ser preenchidas com diversas imagens e informações sobre o que tinha ocorrido com Mohamed. E, como consequência, os manifestantes começam a ir as ruas e arquitetar as manifestações. Todavia, o episódio só auxiliou a sociedade a mostrar a sua indignação por meio de manifestações sociais, pois os cidadãos já estavam sofrendo com atitudes tomadas pelo governo ditatorial de Zini El Abidin Ben Ali, que governava o país desde 1987.

Durante o desenvolvimento das manifestações nas ruas, pode ser analisado o crescimento de usuários de redes sociais no país. No seu início a utilização da internet não era algo corriqueiro dentre os cidadãos. Por conseguinte, em seu decorrer, conseguiu aumentar o seu uso dentre os jovens. Visto que as pessoas perceberam que o compartilhamento de informações pela internet auxiliava na difusão de conhecimento sobre os fatos entre os manifestantes (HOWARD et al., 2011). A existência de um líder entre os manifestantes dos movimentos não foi diagnosticada em seu decorrer. Via-se que a manifestação não clamava para que houvesse uma liderança a ser seguida.

 Com o desenvolvimento das manifestações, o governo percebe a disseminação e a propagação que os manifestantes estão possuindo tanto nas ruas, quanto nas redes sociais. Sendo assim, uma de suas medidas é a promessa de maior liberdade de expressão para que a população pare com as reivindicações. Contudo, o ideal das manifestações já estava enraizado nos cidadãos tunisianos e só finalizou com a queda do presidente.

* 1. **Revolução Egípcia**

O Egito convivia com a governança de Hosni Mubarak há três décadas, sua população se sentia oprimida e desprivilegiada, visto que a remuneração salarial e o poder aquisitivo estavam em decadência. Com a inspiração dos acontecimentos provindos do movimento tunisiano e com grupos sociais já existentes no país, iniciou-se as primeiras manifestações em 2011 no Egito (GUARDIAN, 2011).

O *“April 6 Youth Movement”* [[7]](#footnote-7) movimento já existente, desde 2007, inicia as primeiras ações afim de levar os cidadãos as ruas do Egito. Eles divulgam vídeos, criam *hashtags* que buscam criar indagações a população, com o intuito que ela veja essas informações e se dirija as ruas para lutar por mais direitos políticos e econômicos (NAIB, 2011).

Via-se nas ruas que a ação do governo se designava em violência e repressão aos manifestantes, o que pode ser divulgado por meio das redes sociais ao sistema internacional. Com toda a opressão existente, que estava sendo vista pela sociedade internacional, foi discutida pela ONU, e alguns de seus membros, a possibilidade de intervenção na atuação governamental do Egito (BBC, 2011). Dado que há o corte da internet, durante as manifestações, para que seja dificultada a propagação de informações no país, entretanto as alianças dos movimentos conseguem recuperar rapidamente o acesso (ROHR, 2011).

Assim como no governo tunisiano, o governo egípcio realiza promessas aos seus cidadãos com o intuito de diminuir a disseminação das manifestações no país. Porém, no momento em que as Forças Armadas deixam de apoiar o presidente, o seu maior aliado, o seu reconhecimento institucional termina e o presidente decide renunciar ao cargo que ocupava há 30 anos.

* 1. ***15-M***

O 15-M, assim como as manifestações no Egito, iniciou a sua organização por meio de grupos preexistentes na internet que se inspiraram com o que estava ocorrendo nos demais países com manifestações em 2011. No início da organização das manifestações, os grupos divulgam uma carta contendo todos os pontos que eles designam como divergentes ao posicionamento e atuação do governo espanhol. Nesse documento havia pontos, como: combate a corrupção, reforma fiscal e regularização dos direitos dos trabalhadores (ROBLEDO, 2013).

Além disso, a população espanhola criticava a existência de consequências da crise de 2008, que ainda eram sentidas no país e, também, o bipartidarismo que era institucionalizado politicamente. A população considerava que os partidos não analisavam as suas necessidades, e sim visionavam os interesses internos dos partidos afim de privilegiá-los.

O nome *15-M* se caracteriza pelas iniciais da data em que foi marcado o primeiro dia das manifestações, dia 15 de maio de 2011, na *Plaza del Sol* em Madri. Foi marcado nesse dia, em virtude da ocorrência de eleições municipais no país dentro de uma semana. Assim a data marcaria o início das discussões de pautas, além das que estavam sendo argumentadas pelos partidos políticos nas eleições, fazendo com que novas discussões ocorressem pelos políticos em conjunto com a população.

O movimento conseguiu demonstrar toda a sua repercussão internacionalmente por meio da internet (através de vídeos online, fotografias, postagens), por ela houve o conhecimento do que a população reivindicava internamente. Seus resultados foram a ampliação da democracia no país e a diminuição do monopólio que existia com o bipartidarismo (BLAS e GÁLVEZ, 2015).

* 1. ***Occupy Wall Street***

O movimento *Occupy Wall Street* (OWS) iniciou suas atividades na cidade de Nova Iorque, dado que suas críticas visavam o grande centro financeiro que a cidade possui, *Wall Street*. As suas questões eram pautadas em relação ao grande controle que os centros financeiros possuíam em relação as políticas internas do país e pela diminuição da desigualdade socioeconômica. O movimento se autodenominava *“We are the 99%”,* pois considerava que 1% da população estadunidense possuía 25% da renda nacional, os outros 75% da renda pertenciam aos 99%. Por isso, o seu “grito de guerra” se designava a defender a parcela que consideravam que não era vista pelo governo, a mais menosprezada, os 99% (GUARDIAN, 2011).

Uma das primeiras ações do movimento foi criar um *banner* com *hashtags* e datas da manifestação, convidando as pessoas para que comparecessem a *Wall Street* com suas reivindicações, pautas e barracas. As barracas serviriam para eles se mantivessem acampados em um parque próximo a *Wall Street*, o *Zuccotti Park*. A partir da publicação do *banner*, seria possível compartilhar, publicar informações que apoiassem e difundissem o movimento a população através das redes sociais.

O movimento acreditava que seria possível a mudança na estrutura sócio econômica do país, pois via as realizações que estavam ocorrendo nos demais países e almejavam que ocorresse o mesmo em sua sociedade. O que se percebeu, é que apesar de toda a unidade que o movimento possuía, cada manifestante lutava pelas suas pautas, o que gerava uma grande diversificação nas manifestações. Além disso, o movimento, assim como os demais, não possuía um líder que designasse o que deveria ser realizado, as pessoas sabiam que tinham responsabilidades ali e que suas ações geravam consequências, portanto se sentiam responsáveis por todos os atos do movimento social. Apesar de possuir dois fundadores, Micah White e Kalle Lasn[[8]](#footnote-8).

As manifestações começaram a ganhar força e representatividade, as pessoas estavam reconhecendo o movimento como causas a serem contestadas. Mas o reconhecimento só foi adquirido quando policiais jogam *spray* de pimenta de forma injusta aos manifestantes nas ruas. A partir desse dia que ele se legitima nacionalmente e internacionalmente. Assim, o movimento se espalhou por todo os EUA, e houve a criação de diversos *Occupy* no país, como *Occupy LA e Boston* (GUARDIAN, 2011).

As manifestações continuam mas perdem a força porque as nevascas chegam nos EUA, ocasionando a retirada dos manifestantes que estavam acampados no *Zuccotti Park*. O movimento não conseguiu efetivar o que considerava como necessário para mudanças estruturais no país, mas conseguiu dar voz a novos movimentos, assim como o *Black Lives Matter*[[9]](#footnote-9). Logo o seu auxílio foi demonstrar aos cidadãos estadunidenses a importância que a sua voz tem nas decisões políticas que ocorrem no país.

1. **A importância da participação da sociedade nas manifestações por meio de dados**

Todos os movimentos sociais estudados neste trabalho possuem um aspecto em comum, eles iniciarem seus debates, organizações, estruturações e ideais pela internet. Ela foi o meio que propiciou a liberdade de expressão para que houvesse a disseminação de suas demandas. A Universidade de Washington disponibilizou, através do grupo de estudos PITPI[[10]](#footnote-10), um trabalho que analisa como são as interações políticas muçulmanas com a tecnologia. Dessa forma, foi possível evidenciar a participação da sociedade na Primavera Árabe, por meio de programas integrados as principais redes sociais utilizadas nos movimentos. Como a estruturação da Primavera Árabe e dos movimentos *15-M* e OWS se embasaram com diversas características semelhantes, é possível utilizar os dados para comprovação dos demais movimentos.

A internet conseguiu dar aos cidadãos maior liberdade de expressão e autonomia para discutir assuntos que não se sentiam confortáveis em externar nas ruas. Por meio da internet, a sociedade tinha a possibilidade de compartilhar vídeos, imagens, textos. Esses conteúdos abordavam aspectos que acometiam aos cidadãos, a ponto de quererem compartilhar esse conteúdo com outras pessoas. Sendo assim, por meio dela, houve a disseminação e a criação da relação de abordagens a serem discutidas pelos manifestantes. Consequentemente, os assuntos começam a ser legitimados, as pessoas começam a se sentir confortáveis em debater, e o engajamento social aumenta. Além disso, todas as manifestações foram organizadas por meio das redes sociais e posteriormente postas nas ruas (HOWARD et al., 2011).

Na Primavera Árabe, o *blog*[[11]](#footnote-11) era o meio de comunicação que mais disseminava acusações contra os governos vigentes. Nos *blogs* não era possível haver a identificação dos autores, não ocorrendo a censura do meio e o autor se sentia confortável em difundir suas indignações, sem sofrer consequências a sua segurança. Sendo que era uma das únicas ferramentas que estava revelando as agressões que a sociedade estava vivenciando, pois os meios de comunicações tradicionais estavam neutros em relação a violação dos direitos dos cidadãos (HOWARD et al., 2011).

Como Castells (2000) dialoga em sua teoria, houve a abertura do papel das minorias nas discussões sociais. Neste caso ocorreu com o papel da mulher nas manifestações. Ela conseguiu encontrar seu espaço como forma de legitimar suas intenções e argumentações nos movimentos da Primavera Árabe. Verifica-se que 33% dos *Tweets*[[12]](#footnote-12) postados, durante as manifestações no Egito, eram provindos das mulheres, o que auxiliou em sua legitimação como participantes das manifestações (HOWARD et al., 2011).

Os jovens eram manifestantes preponderantes nos contextos das manifestações sociais. Como havia uma pequena parcela da sociedade na Tunísia e no Egito que possuíam o uso diário da internet, pode ser visto que os jovens que predominavam nessa situação (HOWARD et al., 2011).

Além do mais, havia a relação de postagens com movimento nas ruas, através dos softwares utilizados que eram integrados as redes sociais e o número de *hashtags*[[13]](#footnote-13) que estavam relacionadas as manifestações, foi possível analisar que o crescimento das manifestações nas ruas resultavam em maior interação pelas redes sociais. Por essa razão, que os governos tunisiano e egípcio tentam derrubar a internet no país, com o intuito de diminuir a comunicação entre os participantes e diminuir as manifestações nas ruas. Entretanto, as alianças que havia entre os participantes resultou na estabilização da comunicação (HOWARD et al., 2011).

Ademais, as informações que eram fornecidas pelas tecnologias auxiliaram a sociedade internacional na análise dos fatos internos dos Estados. Logo, não havia a dependência de informações estatais, pois essas poderiam não identificar os fatos reais que estavam ocorrendo no país (HOWARD et al., 2011).

Todavia as redes sociais só foram um meio para a sociedade internacional demonstrar as suas indignações, elas não revolucionaram as manifestações sociais. Elas são ferramentas utilizadas em prol dos manifestantes, que necessitavam de um meio para organizar as suas ideias, visto que eles não haviam encontrado um caminho viável e acessível para demonstrar as suas indignações (HOWARD et al., 2011).

1. **Conclusão**

Os movimentos sociais relatados nesse trabalho possuem alguns pontos de convergência, mas a sua confluência principal predomina em sua organização inicial, estruturações por meio das redes sociais. A internet viabilizou o início das conversas, afim de elas continuarem e se legitimarem com as manifestações nas ruas. Leão (2013) argumenta que com a internet conseguimos ter as informações pelas fontes primárias, sem haver distorções dos acontecimentos por parte dos governos ou imprensas tradicionais.

Os demais pontos culminam nas relações que os manifestantes almejavam. Visto que todas as manifestações: lutavam por igualdade de direitos em seus contextos sociais e com suas próprias ideologias, criticavam atuações governamentais que não auxiliavam a sua sociedade e não possuíam um líder preponderante.

Sendo assim, cada país possui as suas vivências políticas e contexto histórico, isso pode ser percebido pela liberdade em que cada um constituía a sua manifestação. Enquanto que nos países da Primavera Árabe as mulheres estavam adquirindo poderes e legitimação para enfrentar os governos por meio da internet, nos EUA e Espanha esse direito já era concedido previamente, e estes lutavam por maiores igualdades políticas e econômicas a todos os cidadãos. Isso demonstra o antagonismo em relação as exigências sociais dos cidadãos, mas ao mesmo tempo o quanto que cada sociedade necessitava lutar e demonstrar as suas indignações, pois se sentiam sufocadas com sua conjuntura.

O contexto político definiu essas indignações, pois enquanto na Primavera Árabe havia a decadência dos governos ditatoriais, nos demais governos democráticos as questões eram pautadas em relação a atuação governamental, que não estava auxiliando no crescimento igualitário de seus cidadãos, como foi relatado por seus manifestantes. Por fim, o desejo das manifestações permeava o mesmo âmbito a todos, pois lutavam por maior igualdade a sua sociedade, obviamente moldada ao seu enquadramento social.

Haver uma liderança nas manifestações, não se tornou um ponto fundamental e essencial para a existência dos movimentos sociais. Viu-se que quando as pessoas se sentiam legitimadas e pertencentes aos grupos sociais, elas não visionavam alguém como seu líder. Visto que, as informações não partiam de uma única fonte, elas provinham da contribuição em massa dos participantes engajados nos ideais dos movimentos.

Os movimentos caracterizam-se por diferentes demandas sociais para a sua sociedade. Podemos argumentar que todos possuem uma parcela de sucesso, pois mesmo não havendo conclusões compatíveis ao que os manifestantes almejavam, as manifestações sociais de 2011 conseguiram demonstrar a sociedade internacional o poder que os cidadãos possuem em suas mãos. Agora há a percepção da possibilidade de os cidadãos participarem das pautas políticas e terem voz para se defender e lutar pelos seus direitos nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais de 2011; Redes sociais nas Ris; Tecnologia nos movimentos sociais; Manifestações sociais na internet.

**Referências**

BBC. **Entenda os protestos e a crise no Egito.** 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/02/110202\_egito\_qa\_rp>. Acesso em: 30 maio 2018.

BBC. **Manifestações se espalham pela Espanha apesar de proibição.** 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/05/110521\_espanha\_suite\_ji>. Acesso em: 11 abr. 2018.

BBC. **Tunisia: President Zine al-Abidine Ben Ali forced out.** 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-12195025>. Acesso em: 13 abr. 2018.

BLACK LIVES MATTER. **About.** Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/about/>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BLAS, Elsa García de; GÁLVEZ, J. Jiménez. **Os ‘indignados’ da Espanha avaliam seu legado quatro anos depois.** 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/15/internacional/1431679318\_951340.html>. Acesso em: 04 abr. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede:** Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 698 p.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança:** Movimentos sociais na era da internet. Cambridge: Zahar, 2012. 271 p.

CHOMIAK, Laryssa. **Five years after the Tunisian revolution, political frustration doesn’t diminish progress.** 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/01/14/five-years-after-the-tunisian-revolution/?noredirect=on&utm\_term=.06c48b781039>. Acesso em: 10 jun. 2018.

EIFLING, Sam. **Adbusters’ Kalle Lasn Talks About OccupyWallStreet:** The veteran culture-jammer on his role in getting the protest rolling, magic memes, what he would demand, and more.. 2011. Disponível em: <https://thetyee.ca/News/2011/10/07/Kalle-Lasn-Occupy-Wall-Street/>. Acesso em: 25 set. 2017.

FANTZ, Ashley. **Egypt's long, bloody road from Arab Spring hope to chaos.** 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/04/27/middleeast/egypt-how-we-got-here/index.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. **El papel del movimiento 15-M en los orígenes de Occupy Wall Street.** 2013. Disponível em: <https://www.eldiario.es/interferencias/15-M-Occupy\_Wall\_Street\_6\_132346774.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

GUARDIAN, The. **Occupy Wall Street: the story behind seven months of protest.** 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KFOWci6yrSs>. Acesso

em: 28 set. 2017.

GUARDIAN, The. **The Guardian view on the Arab spring: it could happen again.** 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/jan/02/the-guardian-view-on-the-arab-spring-it-could-happen-again>. Acesso em: 25 maio 2018.

GUARDIAN, The. **99% v 1%: the data behind the Occupy movement | Guardian Animations.** 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DxvVZe2fnvI>. Acesso em: 28 jul. 2017.

HICKEY, Dona J.. **Livros no Google Play Identity and Leadership in Virtual Communities: Establishing Credibility and Influence:** Establishing Credibility and Influence. Hershey: Igi Global, 2014. 321 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Gv2WBQAAQBAJ&pg=PA34&lpg=PA34&dq=hashtag+jan+25&source=bl&ots=tjLlM1tT\_-&sig=j7dP62NtlsIf9NH3KRy\_DYo4PXw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjpxMXTh-jbAhWGi5AKHSp1D2oQ6AEIdTAP#v=onepage&q=hashtag jan 25&f=false>. Acesso em: 22 maio 2018.

HOWARD, Philip N. et al. **Opening Closed Regimes:** What Was the Role of Social Media During the Arab Spring?. 2011. Disponível em: <https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/117568/2011\_Howard-Duffy-Freelon-Hussain-Mari-Mazaid\_PITPI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 maio 2018.

KANTER, Beth; FINE, Allison H.; ZUCKERBERG, Andi. **Mídias Sociais Transformadoras: Ação e mudança no terceiro setor.** São Paulo: Évora, 1957. 240 p.

KAZMI, Ayesha. **How Anonymous emerged to Occupy Wall Street.** 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/27/occupy-wall-street-anonymous>. Acesso em: 22 maio 2018.

LEÃO, Debora. **A Revolução de Jasmim e a criação de uma cultura digital na Tunísia.** 2013. Disponível em: <http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=116>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MANFREDA, Primoz. **8 Countries That Had Arab Spring Uprisings.** 2017. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/arab-spring-uprisings-2353039>. Acesso em: 18 jun. 2018.

MARKETINGDECONTEÚDO. **Você sabe o que são blogs e como eles surgiram? Descubra agora!** 2017. Disponível em: <https://marketingdeconteudo.com/o-que-e-blog/>. Acesso em: 18 jun. 2018.

NAIB, Fatma. **Women of the revolution.** 2011. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/02/2011217134411934738.html>. Acesso em: 14 abr. 2018.

OCCUPYWALLSTREET. **About.** 2011. Descrição do movimento Occupy Wall Street. Disponível em: <http://occupywallst.org/about/>. Acesso em: 18 mar. 2018.

OCCUPYWALLST. **August 2nd General Assembly on Wall Street.** 2011. Disponível em: <https://occupywallst.org/forum/august\_2nd\_wall\_street\_assembly/>. Acesso em: 28 set. 2017.

PELLEGRINI, Marcelo. **"A democracia está em crise porque o dinheiro controla governos".** 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-democracia-esta-em-crise-porque-o-dinheiro-controla-governos-7013.html>. Acesso em: 28 set. 2017.

PRESTON, Jennifer. **Protesters Look for Ways to Feed the Web.** 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/11/25/business/media/occupy-movement-focuses-on-staying-current-on-social-networks.html>. Acesso em: 22 maio 2018.

ROBLEDO, Pedro. **¿Cómo surgió el Movimiento 15M?** 2013. Disponível em: <http://www.movimiento15m.org/2013/07/como-surgio-el-movimiento-15m.html>. Acesso em: 06 abr. 2018.

ROBLEDO, Pedro. **¿Qué propone el Movimiento 15M? El programa político de los indignados.** 2013. Disponível em: <http://www.movimiento15m.org/2013/07/que-propone-el-movimiento-15m-el.html>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ROHR, Altieres. **Saiba como o Egito se desligou da web, e o que é feito para furar bloqueio.** 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/02/saiba-como-o-egito-se-desligou-da-web-e-o-que-e-feito-para-furar-bloqueio.html>. Acesso em: 01 jun. 2018.

STRANGE, Susan. **States and Markets.** 2. ed. Londres: Pinter, 1988. 266 p.

TWITTER. **Sobre diferentes tipos de Tweets.** [21-].Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/types-of-tweets>. Acesso em: 18 jun. 2018.

WESTERVELT, Eric. **Occupy Activist Micah White: Time To Move Beyond Memes And Street Spectacles.** 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/03/28/520911740/occupy-activist-micah-white-time-to-move-beyond-memes-and-street-spectacles>. Acesso em: 04 maio 2018.

WHITE, Micah; LASN, Kalle. **The call to occupy Wall Street resonates around the world.** 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2011/sep/19/occupy-wall-street-financial-system>. Acesso em: 11 abr. 2018.

WHITE, Micah. **Micah White, PhD.** Disponível em: <https://www.micahmwhite.com/>. Acesso em: 05 maio 2018.

؇؈ؑيل, حركة شباب 6. April 6 Youth Movement. [21-]. Disponível em: <https://shabab6april.wordpress.com/about/shabab-6-april-youth-movement-about-us-in-english/>. Acesso em: 30 maio 2018.

1. Artigo apresentado ao Eixo Temático 12: resistência e pluralismo nas redes, do XI Simpósio Nacional da ABCiber. [↑](#footnote-ref-1)
2. Bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisa coordenada pela Profª. Drª. Patricia F. F. Arienti. E-mail: natalialimberger@gmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. 3A Primavera Árabe foi a aglomeração de vários movimentos sociais que foram disseminados no final do ano de 2010, esses manifestantes lutavam contra os governos ditatoriais que predominavam em seu país. No decorrer das manifestações os governos vigentes atuavam de forma violenta contra os cidadãos nas ruas (MANFREDA, 2017). [↑](#footnote-ref-3)
4. No discorrer do seu livro, Castells utiliza a sigla CMC, que define como: a comunicação global mediada por computador (CASTELLS, 2000). [↑](#footnote-ref-4)
5. *Blogueiro* é a pessoa que escreve em uma página social, o blog, descrevendo tópicos em que a página se propõe a discutir (MARKETINGDECONTEÚDO, 2017). [↑](#footnote-ref-5)
6. O *15-M* foi um movimento social ocorrido na Espanha em 2011. O grupo focava suas pautas em busca por maior democracia para a sociedade em seu país (ROBLEDO, 2013). [↑](#footnote-ref-6)
7. Grupo de jovens que atuam desde 06 de abril de 2007, através das redes sociais para lutar contra as políticas realizadas no governo egípcio. Em 2007, o grupo sofreu a queda de diversos membros do movimento, quando foram as ruas manifestar, mas isso não diminuiu a vontade de lutar dos manifestantes ([حركة شباب 6 ابريل](https://shabab6april.wordpress.com/)). [↑](#footnote-ref-7)
8. Kalle Lasn e Micah White foram os idealizadores do movimento *Occupy Wall Street,* ambos trabalhavam em uma revista canadense que visava criticar o consumismo exacerbado que a sociedade estadunidense é condicionada. A partir de suas críticas, eles criam o movimento social afim de modificar o sistema financeiro estadunidense (PELEGRINI, 2015). [↑](#footnote-ref-8)
9. O *Black Lives Matter Global Network* se caracteriza como um movimento social que foca no empoderamento e defesa as comunidades negras (BLACK LIVES MATTER, 2018). [↑](#footnote-ref-9)
10. Grupo de estudos denominado “The Project on Information Technology and Political Islam” (PITPI) (HOWARD et al., 2011). [↑](#footnote-ref-10)
11. *Blog* é uma página de um perfil social em que um *Blogueiro* se propõe a discutir assuntos de seu interesse (MARKETINGDECONTEÚDO, 2017). [↑](#footnote-ref-11)
12. O *Tweet* é a mensagem postada no perfil do *Twitter* (TWITTER, [21-?]). [↑](#footnote-ref-12)
13. A *hashtag*, caracterizada pelo “jogo da velha”, foi desenvolvida pelo *Twitter* para auxiliar no uso do software, e nas buscas por informações (TWITTER, [21-?]). [↑](#footnote-ref-13)